



Barcelona invisível, a tradição libertária no espaço urbano

Invisible Barcelona, libertarian tradition in the urban space

Léa Guimarães Souki*

Resumo

O propósito deste artigo é analisar o legado da cultura anarquista e libertária em Barcelona no século XXI. O texto trará um breve recorrido aos primórdios da “Barcelona rebelde”, à afirmação de uma ordem laica através do anarco-sindicalismo e do pensamento racionalista presentes na cidade desde o século XIX. O projeto republicano, do qual fazia parte o anarco-sindicalismo, de apropriação e ressignificação do espaço urbano, se fez através da presença da CNT nas ruas, nas barricadas, da “ação direta” e das “redes de afinidades” nos bairros barceloneses. Também será tratada a maneira como a cidade hoje vive seu passado ácrata e as novas manifestações da cultura libertária.

Palavras Chave: Barcelona, legado libertário, espaço urbano, anarco-sindicalismo, cooperativas de Sants

Abstract

The aim of this article is to analyze the legacy of the anarchist and libertarian culture in Barcelona in the 21st century. It will briefly debate the beginnings of the “rebel Barcelona” and the establishment of a secular anarcho-syndicalism order as well as the origins of the rationalist thinking present in the city since the 19th century. The Republican project appropriated and reinterpreted the urban space through CNT’s presence in the streets, the barricades, “direct actions” and “affinities networks” in the neighborhoods of Barcelona itself. The manner which the city currently lives its anarchist past are also covered in this article, as well as new manifestations of the libertarian culture.

Keywords: Barcelona, libertarian legacy, urban space, anarcho-syndicalism, Sants Cooperatives.

Barcelona invisível, a tradição libertária no espaço urbano[1].

*“La caída de las colonias impulsó el Catalanismo y la anexión en 1897 de los pueblos de las cercanías aceleró un crecimiento urbano que **bajo la decoración burguesa del Modernismo se ocultaba toda la pólvora del Anarquismo, aún hoy en día olvidado en guías y placas del nomenclátor**”*

Jordi Corominas

Introdução

Os anos da ditadura franquista e a estigmatização do anarquismo, seguidos de uma transição onde se pactuou também a memória, fizeram com que a cidade de Barcelona se tornasse antes referência cultural por sua arquitetura e esplendor do que por sua histórica rebeldia. Sabe-se que seu aspecto exemplar se relaciona especificamente à experiência única de o anarco-sindicalismo ter sido governo na Espanha, através de ministros da Segunda República, e, notadamente em Barcelona, no período revolucionário compreendido entre a defesa da cidade, em julho de 1936, até maio de 1937, quando teve que disputar o controle da cidade com comunistas e republicanos.

Ser anarquista e ao mesmo tempo ser governo é uma originalidade que Barcelona viveu em seus espaços físicos durante a Guerra Civil, ainda hoje lembrada e presente como prática libertária, em alguns bairros de maneira próxima e positiva, e em outras partes como evocação sangrenta e inquietante. Para responder às perguntas: o que é o anarquismo hoje em Barcelona? Onde se encontra e como se expressa? recorreu-se às leituras documentais e históricas e foram visitados bairros, ateneus, cooperativas, além de ouvir seus frequentadores.

Na tentativa de responder a essa pergunta, foi considerada a experiência coletivista atual do bairro de Sants, a mais emblemática na evocação do passado anarquista, o campo referencial desta pesquisa, assim como os ateneus. Estes são espaços anarquistas e libertários originalmente lugar de formação cultural e intelectual dos trabalhadores, hoje lugares de convivência, onde se encontram representados movimentos de minorias, coletivos feministas, ecologistas, veganistas e

vegetarianos, defensores de animais, apoio a refugiados, grupos de caminhadas e objetores de consciência. Alguns deles se autointitulam anarquistas, e muitos outros se declaram libertários[2]. Aqui estamos nos referindo tanto à tradição anarco-sindicalista como à libertária, no sentido em que a entendem alguns teóricos ácratas. Em uma leitura atual pode-se resumi-las, de acordo com um de seus intérpretes, Carlos Taibo (2015), como sendo seu ponto fundamental a consciência profunda de que fazemos parte do mesmo sistema que queremos destruir, em contraste com a esquerda tradicional que entende revolução como uma confrontação entre, bons e maus, entre lúcidos e perversos. Para ele o anarquismo não tem um plano estratégico de onde chegar, as atividades diárias apontam para a construção viva de uma sociedade horizontalizada, são contra os regimes autoritários e hierarquizados tanto de direita como de esquerda.

Do ponto de vista da militância sindical, assim o anarquismo é definido, segundo um representante da Confederació General del Treball / CGT:

O anarquismo é uma corrente de pensamento e de ação que propugna pela instituição de uma sociedade organizada sem nenhuma forma de autoridade nem de estrutura hierárquica de poder (...) aspira à construção de uma sociedade autônoma e autogestionada, uma sociedade de homens e mulheres livres e iguais não só ao nível jurídico formal, como também ao nível efetivo (...) o movimento se desenvolveu ao longo da história como uma corrente altamente heterogênea, sem um corpo doutrinário ou teórico unitário e com visões diversas e plurais. A tradição libertária tem se destacado particularmente na construção de alternativas de auto-organização popular, nos mais diversos campos. (Garcia, 2016, p.3-5, tradução livre da autora).

Entendem a doutrina socialista como construção artificial e distante, propõem a “ação direta” como um valor e um método de ação. Em Barcelona, nas décadas de 1930 e 1920, ancorada na

postura anti-policial dos bairros e na luta corpo a corpo com a polícia, a “ação direta” se desenvolveu *pari passu* com a solidariedade entre vizinhos. A capacidade de enfretar a polícia passou a ser parte da identidade dos bairros – quanto maior sua eficiência e capacidade, maior o reconhecimento. Para os anarquistas não tem importância a ideia da sociedade que se quer construir, conta muito mais a “ação direta”, sem dogmas, sendo que o único princípio permanente é a experiência prática da solidariedade[3].

Barcelona tem hoje 59 ateneus registrados na Prefeitura (Anuário Estadístico, 2016). Durante a pesquisa que sustenta o artigo, foram visitados oito ateneus, duas cooperativas, três livrarias-cooperativas e foram entrevistados intelectuais, ativistas e jornalistas. O perfil dos entrevistados variou entre ativistas e estudiosos do tema, seu conteúdo será explicitado na medida em que seus depoimentos se tornam parte do argumento.

A originalidade barcelonesa

Uma explicação da rebeldia barcelonesa, que atualmente encontra ressonância entre alguns observadores como Oriol Pi Cabanyes (2016), Guillem Martínez (2009), Cris Ealham (2005, 2010), Manuel Delgado e Manel Aisa – estes dois últimos entrevistados pela autora em 2016 no âmbito das pesquisas que originaram este artigo – se relaciona com o fato de o Estado Central estar distante e mesmo ausente para cumprir seu papel de aglutinador da sociedade. Essa tensão com o Estado Central se inicia na Idade Média e se repete quando a Catalunha tem que se acoplar ao Estado da monarquia aragonesa-catalã, na Idade Moderna. A particularidade da rebeldia barcelonesa, já no século XIII, se manifesta na criação do *Consell de Cent*, espaço de decisão composto por cidadãos, que posteriormente se estabeleceram e persistiram historicamente como famílias poderosas. Assumiram toda a administração da cidade, desde a Justiça e o urbanismo até o controle dos preços dos alimentos, além de sua defesa e da relação com a monarquia. Apesar de conquistar todo este controle, sua conexão com a Igreja era mais conflituosa do que no resto da península. No século XVIII, o *Consell de Cent* liderou uma guerra civil contra Felipe V, rei da Espanha. A cidade foi derrotada pelos Bourbons, época em que o invasor já havia proibido o uso do idioma catalão, restaurado

posteriormente. Desse conflito com o Estado central, e sendo Barcelona a cidade mais industrializada de todo o Mediterrâneo, nasceu no século XIX uma cultura libertária original.

(...) la gran originalidad de Barcelona, su gran especialidad en la fricción con el Estado, ha sido su cultura libertaria, adquirida a lo largo de un siglo XIX espectacular e increíble. Barcelona es de hecho la ciudad cuya rebeldía menos y más tarde ha recurrido, por ejemplo, al marxismo. Y la única del mundo mundial que ha realizado en el siglo XX una revolución anarquista con cierta estabilidad y duración y con algún texto básico del anarquismo, como opina Chomsky. La tradición libertaria, demasiado descomunal para desaparecer del cerebro colectivo barcelonés tan rápido, como en efecto, ha desaparecido, sobrevive (...). (Martinez, 2009, p.14)

Sob a industrialização, a fama de “cidade rebelde” já se encontrava registrada na afirmação de F. Engels, de 1873: “Barcelona, la ciudad industrial más grande de España, ciudad cuya historia registra más luchas de barricadas que ninguna otra villa del mundo” (Marxist Internet Archiev, 2000). Sendo Barcelona um dos polos da industrialização da Europa, nela também se deram os mais altos níveis de exploração da força de trabalho. Nesse contexto de superexploração foi que se desenvolveu a experiência histórica mais continuada das lutas anarco-sindicalistas que, entre 1936-39, chegou a ocupar o alto escalão da republicana espanhola.

Em que sentido se pode atribuir a experiência histórica do anarquismo a algo especificamente barcelonês, uma vez que a luta de classes acirrada se deu também em outros países europeus e em outras cidades sem que com isso o anarquismo tenha fincado raízes tão persistentes? Em entrevista, o antropólogo e escritor barcelonês Manuel Delgado deu sua particular interpretação: “O anarquismo é o nosso líquido amniótico. Aqui se pode ser anarquista e mais qualquer outra coisa, temos de tudo: anarquista-monárquico, anarquista-maçon, anarquista-católico, anarquista-comunista, anarquista-espírita.” (M. D., entrevista à autora, 14 jul. 2016)[4].

Quais seriam as explicações plausíveis para a extensão e persistência dessa experiência? Os socialistas e posteriormente os comunistas não tiveram em Barcelona a mesma aceitação de outras grandes cidades espanholas. A importância que essas correntes atribuíam ao Estado e a estrutura hierarquizada de suas organizações constituiu um fator de repulsa para os trabalhadores barceloneses. Percebendo essas dificuldades a Unión General de Trabajadores, UGT, socialista, transferiu-se para Madrid, em 1899. De outro lado, o federalismo, a ação direta praticada nos bairros e a estrutura flexível das organizações anarquistas correspondiam muito mais aos costumes locais do que a ideia da “ditadura do proletariado”.

A força da experiência histórica libertária em Barcelona está, em muito, relacionada à forma como se deu ali a acumulação do capital na indústria, a exploração da mão de obra industrial, o desemprego, a imigração, as condições de habitação e moradia, os longos períodos de fome, a truculência do uso da violência direta por parte do Estado e a incapacidade de negociação dos capitalistas. A concentração e a disposição das grandes fábricas na cidade também são fontes de explicação para a capacidade de organização e aglutinação dos trabalhadores. As práticas locais do federalismo e a solidariedade na confrontação com as forças da ordem por meio da “ação direta” e da ação dos “grupos de afinidades” criaram uma rede de integração e solidariedade que não se estabeleceu em nenhuma outra cidade industrial da península. O exemplo do bairro de Sants – cuja experiência de cooperativa atual será tratada neste artigo – é um caso em que a espacialidade, definida pela proximidade da ferrovia, pelo acesso ao porto e pela concentração territorial de fábricas, é fator que, *a posteriori*, pode ser tomado como uma das fontes de explicação para o fenômeno do anarquismo local. Outro fator importante foi o surgimento entre os trabalhadores de grandes lideranças do porte de Durruti, Oliver e Ascaso. O reconhecimento que esses líderes desfrutavam chegou a ultrapassar as fronteiras da própria Catalunha, conferindo-lhes um protagonismo nacional durante a Guerra Civil. Pode-se fazer ideia da popularidade dessas lideranças através da descrição de um contemporâneo:

Los compañeros tenían una manera de ser gregaria en cuanto a bares. Bastaba que vieran a uno sentado en un velador de café para que tomasen asiento a su lado. (...) La Tranquilidad se hizo célebre como

punto de concentración de lo más florido del anarquismo barcelonés y muchos novatos concurrían expresamente a aquel bar, (...) sólo para ver de cerca a Durruti, Ascaso o García Oliver, el “trío de la benzina” que solía llamárseles. (DALMAU; MIRO, 2010, p. 62, nota 74)

Os pontos de encontro eram os bares e os ateneus e em períodos de muita repressão as caminhadas dominicais, nas quais os trabalhadores se reuniam para discutir e se instruírem. As cooperativas também desempenharam um importante papel nos períodos em que as prisões estavam abarrotadas de trabalhadores e suas famílias estavam na miséria. O papel da Igreja como aliada do Estado e garantidora da ordem fechou o círculo da opressão de maneira a ser difícil para os trabalhadores apostarem em uma solução reformista.

A tese do historiador inglês Chris Ealham, baseada em pesquisa empírica minuciosa e original, sustenta que a rua, em Barcelona, era o espaço da CNT, *Confederación General del Trabajo*, no qual os trabalhadores e desempregados desenvolveram maneiras de se mover e se articular mesmo nos períodos de repressão intensa, quando vigorava a Lei Marcial. Nos bairros foi se formando, a partir de variadas experiências de luta, uma cultura acumulada por meio de ações diretas. Essas foram geradoras de um conjunto de conhecimentos que se revelaram de maneira persistente e quase natural de defesa dos direitos dos trabalhadores, a ponto de se poder falar, em Barcelona no início do século XX, de uma “contracultura essencialmente anarquista” (EALHAM, 2005, p.190).

Diferentemente dos comunistas e socialistas, para a CNT não havia a categoria *lumpemproletariado*. Ao contrário, a vida no espaço da cidade incluía desempregados, praticantes de pequenos roubos, artistas de rua, prostitutas e toda a diversidade de despossuídos. Sob a influência do método da “ação direta” propugnado pela CNT, ao mesmo tempo em que introduziam e afirmavam os valores anarquistas de liberdade e autonomia, os trabalhadores também aprendiam e se alimentavam das experiências já existentes na cultura local. Em um ambiente em que os patrões não se dispunham a negociar com os sindicatos e nem criar espaços institucionais de negociação, a CNT passou a criar e conquistar espaços e frentes de luta mais amplos, para além das fábricas. Nesse processo, os

trabalhadores passaram a utilizar métodos não legais, como negociar e forçar o barateamento dos aluguéis e dos alimentos e formar escoltas armadas para grupos de mulheres operárias que requisitavam comida nas lojas em períodos de greve ou de desemprego.

Os “grupos de afinidades”, principal forma de estruturação das atividades da CNT, eram compostos por certo número de pessoas que variava de um mínimo de quatro ao máximo vinte e visavam à conscientização e à formação de práticas cotidianas de solidariedade, liberdade e autonomia. Reuniam-se em bares e cafés, que diferentemente da tradição socialista conviviam com setores marginalizados em ambientes em que eram valorizadas qualidades como heroísmo, rebeldia e resistência à ética do trabalho e aos valores capitalistas.

Outro aspecto original da experiência das lutas operárias em Barcelona é a concomitância de dois fenômenos importantes. De um lado a exploração da força de trabalho em proporções anteriormente desconhecidas, que resultou na malha de solidariedade formada nos bairros. De outro, o surgimento de um movimento renovador, iluminista e laico, nascido no século XIX, que mobilizava setores esclarecidos da classe média por meio de intelectuais e pensadores. Críticos da Igreja e afins às ideias republicanas de origem francesa, esses intelectuais militavam por uma educação não-religiosa e universal, em um projeto que coincidia com a busca da educação emancipadora dos ateneus e dos “grupos de afinidades”. É importante lembrar que na Espanha borbônica e católica o pensamento racionalista teve dificuldade para se consolidar, a revolução científica moderna foi rechaçada e a Inquisição durou até 1834. Daí a afirmação de uma “entrada dramática da Espanha na modernidade”, segundo as palavras de Diaz (1987, p.99).

Na Catalunha a questão da laicidade do Estado foi um aspecto mais conflitivo do que no resto da Espanha, ela envolvia uma educação emancipadora e universal no bojo de um projeto maior de afirmação da identidade catalã e republicana. O ateísmo tinha uma dimensão política explícita em Barcelona, uma questão explosiva em um ambiente de tensão social, de desigualdade extrema e de privilégios da Igreja. Como expressão dessa corrente, merece atenção a Escola Moderna de Ferrer i Guardia, renascida na transição e ainda hoje e associada à vertente maçônica.

Ferrer i Guardia, pedagogo e filósofo, foi preso e executado, em 1910, sob o protesto de vários países europeus. Responsabilizado pelo atentado contra o Rei Alfonso XII, quando morreram 113 pessoas, foi julgado por um tribunal militar e condenado sem provas. Ainda que as imagens de Ferrer i Guardia e da Escola Moderna tenham sido associadas ao anarquismo, hoje seus seguidores não se reconhecem como tal. Em entrevista à autora em 28/04/2016, o diretor da Fundación Ferrer i Guardia esclarece: “Para Ferrer i Guardia la emancipación humana tiene que ver con instituciones, en el que se ajena del anarquismo. Cuando se decepciona con la política convencional, entre los años de 1894 e 1895, presenta como solución la educación sin la peregación de sumisión, culpa y dolor como hace la Iglesia Católica. Sobre el anticlericalismo, la masonería catalana es clara, ve la Iglesia como la principal responsable del obscurantismo”.

O estigma. Queimar igrejas.

Mesmo que o anarquismo, ainda hoje, continue seduzindo os idealistas antissistema, para muitos barceloneses permanece um estigma que às vezes dificulta seu autoreconhecimento como tal. Em Barcelona pode-se encontrar ativistas libertários, ecologistas, pacifistas e idealistas de várias tendências que, não se autodefinindo como anarquistas, têm a foto de Koprotikine junto com a dos familiares[5]. Além da razão óbvia da associação com a guerra e com o uso da violência, por que o estigma? Para muitos, o anarquismo não é algo vivido por meio da prática solidária, da literatura ou do cinema. Ao contrário, foi passado através da memória dos parentes que viveram o drama da guerra – a fome, a perda de pessoas muito próximas, os embates na vizinhança, no bairro, dentro da família, os bombardeios, as mortes diárias. São diversos os sentimentos que o anarquismo legou de seu passado aos barceloneses. Em alguns bairros, os anarquistas são vistos muitas vezes com simpatia pelo aspecto pacifista e construtivo que demonstraram em seu cotidiano, como é o caso da Vila de Gràcia, considerado um bairro de tradição declaradamente republicana. Porém, para a maioria da cidade, inclusive para a esquerda, é desagradável recordá-los.

A desconfortável memória de “queimar igrejas” pode provocar uma reação automática e irrefletida de mal-estar em muitos

barceloneses. Nas palavras de um escritor e jornalista entrevistado, “o estigma vem não só da direita, vem, sobretudo, dos comunistas. Foram eles que mais estigmatizaram os anarquistas, a CNT e FAI[6]”. Do estigma se valeu e se alimentou a ditadura franquista durante os 38 anos em que se empenhou em dominar e submeter a “cidade rebelde”. Com a expressão “queimar igrejas” pretende-se aqui sintetizar aquilo que se refere ao estigma atribuído ao anarquismo barcelonês. Foram dois os momentos que, da perspectiva estigmatizante, foram condensados. O primeiro foi a *Semana Trágica* (1909), quando, sob influência do agitador populista Lerroux, líder do Partido Radical, incitou-se a população ao saque como reação ao recrutamento dos pobres para a Guerra do Marrocos. Tendo centrado o ódio de classe contra a Igreja, na prática o motim deslocou o foco da grande burguesia barcelonesa para os alvos eclesiásticos. Foram queimadas 80 instituições religiosas. Dessas, 33 eram escolas, 14 igrejas paroquias, 11 instituições beneficentes (orfanatos, asilos para idosos, casas de correção), 8 residências religiosas masculinas, 8 conventos de clausuras e 6 círculos operários (Martínez, 2009, p.239).

O segundo momento marcado por episódios sangrentos corresponde ao período da Guerra Civil, especificamente nos dois primeiros dias, quando os anarquistas barraram o golpe em Barcelona, foram queimadas igrejas e conventos. Mesmo sendo a produção literária e algum material de pesquisa acessíveis nos últimos anos, percebe-se contenção ou retraimento em examinar os fatos por parte dos estudiosos. Já aos olhos do historiador britânico Chris Ealham (2005, 2010), a interpretação dos traumáticos acontecimentos históricos se revelou em extensa pesquisa isenta dos pruridos que o tema costuma provocar nos barceloneses. Ele vê a repressão religiosa como um aspecto singular da revolução espanhola, entende como uma originalidade do movimento revolucionário ter sido dirigido contra as instituições religiosas. Sustenta a tese, baseada em observadores estrangeiros e nativos, que a ação chamada “Jornadas de Justiça Fumegantes” era de natureza calculada e deliberada. Não se tratava de uma paixão anticlerical, mas de uma decisão de republicanos e membros da CNT de transformar os espaços religiosos em espaços cívicos. A escolha de quais igrejas seriam queimadas era deliberada em assembleias populares. Não era permitido aos manifestantes se apossarem pessoalmente de objetos de valor, o princípio era aplicar um conteúdo moral e político aos saques. As avaliações dos objetos saqueados eram feitas por Comissões Técnicas criadas para

esse fim. Com isso, os dirigentes republicanos e os membros dos comitês de bairros e sindicatos queriam ressignificar o espaço eclesiástico com a finalidade de “superar o déficit do espaço construído” (Ealham, 2005, p.294). A nova ordem republicana transformava esses lugares em espaços onde se pudessem exercer atividades públicas, como emblemas de sociabilidade e de organização da nova sociedade. A igreja significava terra, espaço físico, condições de exercer as práticas republicanas e racionalistas. Suas edificações passavam a funcionar como cinemas, confessionários como bancas de revistas e criptas das igrejas, abrigos contra bombardeios. Tratava-se de destruir a base ideológica burguesa desmantelando o principal suporte da opressão. (Ealham, 2005, p.293-294)

No decorrer das ações de saque e confisco das igrejas, os anarco-sindicalistas procuravam salvar os objetos artísticos de valor, especialmente em ouro, com a finalidade de financiar equipamentos bélicos; os sinos das igrejas, por exemplo, eram confiscados e dissolvidos para serem transformados em canhões. Sobre o confisco dos sinos, um ativista entrevistado adiciona outro conteúdo: “Las campanas eran la voz de la iglesia y de todo que ella conllevaba. Por el toque de la campana se anunciaban las celebraciones, las obligaciones, la disciplina, las diferencias de clase. Se podría saber en un funeral sobre la clase social, el prestigio y el poder de quién estaba sepultado. Entonces se trataba de impedir que la iglesia fuese la voz de la ciudad.” (J.B., entrevista à autora no Centre Cultural Case Orlandai, em 03 jun. 2016).

O espaço urbano em disputa

Teria havido em Barcelona um projeto urbano de uma cidade revolucionária? Seria difícil contestar e ou afirmar mas, na distribuição do espaço urbano, é possível entender o crescimento econômico e a estrutura de classes visível na cidade que é hoje celebrada como uma das mais belas e arrojadas expressões do Modernismo. A partir de 1850, após a derrubada da muralha medieval que cercava a cidade em torno do porto, parte das elites barcelonesas supôs ter encontrado espaço para realizar o ideal catalão de uma cidade moderna e integrada. O Plano Cerdá, projetado em 1859 sob a liderança do arquiteto progressista Ildefons Cerdá, entendia que a renovação urbana e a planificação da área da Cidade Velha, com seus

traçados irregulares, trariam condições de habitação mais integradas e justas, compatíveis com o modelo de cidade vanguardista que eles entendiam como algo mais catalão do que espanhol. Rompida a muralha medieval que acolhia bairros deteriorados como o Raval, uma nova área, a Eixample, de acordo com o projeto de Cerdá, facilitaria a nova função da cidade antes emuralhada: seria a área planificada onde conviveriam as diferentes classes sociais sob um sistema de igualdade social e unidade cívica. O plano igualitário de Cerdá, ao ser subordinado aos interesses da burguesia catalã, a qual se adaptara às diretrizes do Estado Central, ficou inviabilizado como ideal de planejamento urbano justo e emancipador.

No início da Guerra Civil, o governo catalão através de seu presidente Lluís Companys, teve uma política de aproximação e reconhecimento da CNT, a força mais estruturada nas ruas de Barcelona. Para entender sua importância, faz-se necessário registrar que foram a CNT e a Federación Anarquista Ibérica (FAI) as colunas que garantiram a derrota dos comandos militares golpistas que invadiram a cidade, em 18 de julho de 1936. As milícias antifascistas dos anarquistas foram as únicas forças organizadas e armadas capazes de deter militarmente o golpe e o fizeram nas ruas. Combateram rua a rua, quarteirão a quarteirão em torno das sete unidades militares golpistas. Enfim, as ruas eram o espaço dos anarco-sindicalistas muito mais que da burguesia. Nas palavras de um cooperativista:

En 1936 Hombres de Acción paran el golpe militar, se hace el 80% de colectivización en Barcelona, en el gobierno de la República. Son tres los grupos componen el gobierno: Grupos de Defensa (organizan los comités), Comité Militar y el Comité Anti-fascista (a cargo de CNT), en estos últimos los más importantes son los Comités de Colectivizaciones en los barrios. En julio de 1936, la pequeña burguesía catalana se asusta con CNT y crea el PSUC. Se puede decir que en Barcelona el Anarquismo es una expresión teórica de una organización social. (I. M. Diretor da Cooperativa de Sants, entrevista concedida na livraria “Ciutat Invisible”, 22/04/2016).

Um antropólogo e urbanista barcelonês, em entrevista, assim descreve o dia 18 de julho de 1936: “Era verano y vacaciones escolares, la ciudad estaba vacía, las clases medias y burguesia estaban fuera. La defensa de la ciudad se hizo por la lucha armada formada por las barricadas de barrios bajo el liderazgo disciplinado de la CNT.” (Manuel Delgado, entrevista à autora na Universitat de Barcelona, em 14 jul. 2016). Embora a estrutura dos comitês de bairros e de distritos fossem mais elásticas que a dos partidos políticos, na prática as barricadas cenetistas, em 18 de julho de 1936, tiveram uma ação eficiente e coordenada no combate às forças do general Franco. A construção de barricadas, tradição federalista catalã, foi o elemento fundamental que definiu a seguir a forma do urbanismo revolucionário, na medida em que o espaço urbano era o lugar de seu projeto político e a organização e a continuidade de sua ocupação estava em mãos da CNT-FAI. No bojo da reorganização do espaço urbano, a vida cotidiana foi se tornando mais proletarizada, o que se podia ver pelo uso disseminado dos macacões azuis de inspiração proletária e miliciana. Quanto à eliminação física dos inimigos de classe, a Igreja foi definida como principal alvo^[7] e a maioria das mortes no período foram feitas sob o conhecimento de autoridades republicanas. No que se refere ao espaço da produção, a ideia era trazer os antigos donos das fábricas para dentro delas em condições similares às dos trabalhadores, o que aconteceu em alguns espaços coletivizados. Essa tendência foi enfraquecida quando os comunistas republicanos do Partit Socialista Unificat de Catalunya/PSUC, que formavam parte da aliança antifascista, passaram a proteger a pequena e média burguesia barcelonesa, momento em que os ácratas tiveram no estalinismo o principal inimigo.

Chris Ealham (2005, 2010) sustenta a ideia de que a apropriação do espaço urbano barcelonês foi parte de um projeto pensado, e não uma comoção revolucionária explosiva e selvagem. O argumento que segue baseia-se, em alguma medida, nas informações apresentadas pelo autor sobre a maneira como os anarco-sindicalistas ocuparam a cidade e procuraram imprimir sua presença. Esse projeto teve dois ingredientes políticos fundamentais: o primeiro, a ação de combate dos revolucionários não alinhados aos comunistas e socialistas (CNT anarco-sindicalista, FAI anarquista, e POUM, Partido Obrero de Unidad Marxista, trotskista) que, articulando uma concepção e uma prática do “urbanismo revolucionário,” se apropriaram e ressignificaram o espaço urbano; o segundo foi a cultura dos

bairros, que tendo uma sólida tradição de luta e ação direta desde 1830, foram atores cotidianos importantes em suas “redes de afinidades” e solidariedade ao conseguirem viver sua concepção do que seria a “cidade proletária”.

A cultura de ação autônoma da classe trabalhadora seguia os costumes locais, mesmo estando ligada à CNT, sendo os “comitês de distritos” o único organismo genuinamente revolucionário formado em julho de 1936. Contudo, a partir de maio de 1937, os libertários – CNT, FAI, POUM – sofreram uma importante derrota em confronto com os comunistas na cidade. Em outubro do mesmo ano, um decreto do governo republicano extinguiu os comitês locais da Catalunha, decisão aparentemente acatada pelos anarco-sindicalistas. Diante dessas medidas que debilitaram as conquistas históricas dos trabalhadores, os mesmos que haviam sustado o golpe fascista em 1936, a desconfiança histórica dos catalães em relação aos organismos estatais da ordem pública foi reforçada. Os trabalhadores viam-se diante de uma Segunda República incapaz de defendê-los dos inimigos de classe. Por outro lado, alguns líderes anarquistas passaram a ceder às pressões de seus aliados militares ao darem prioridade à guerra e não à revolução. Diante do progressivo acordo desses líderes com a República, os comitês de bairro foram se enfraquecendo, o que debilitou o poder dos comitês locais e comprometeu o projeto urbanístico revolucionário de apropriação e ressignificação do espaço.

Coerente com o projeto da cidade republicana e compatível com a moral anticonsumo e antimaterialista da CNT, a forma de apropriação do espaço pertencente aos ricos da cidade não teve mero sentido de apropriação material, mas foi capaz de imprimir outro significado aos lugares de exclusão, dando conotação pública àquilo que entendiam como tendo sido tirado do povo. O abastecimento foi um importante foco das intervenções tanto no que se refere à apropriação de estoques para distribuição como à criação de uma rede de restaurantes populares. Em Barcelona, o Hotel Ritz foi convertido em Hotel Gastronômico, um restaurante comunitário que servia às milícias e aos pobres, desempregados, trabalhadores e excluídos. Os casos mais emblemáticos de apropriação dos espaços dos ricos foram a ocupação do edifício do Banco de Espanha e a da sede da Federação Patronal Catalã, que passou a se chamar “Casa CNT-FAI”, na Via Layetana, em pleno centro, a ocupação onde se alojava a sede da polícia anteriormente.

Como a reforma urbana do início do século havia expulsado a classe trabalhadora das favelas para espaços fora da cidade, ao ocupar o espaço público, sinalizavam sua apropriação. Sendo as ruas em Barcelona o lugar muito mais vivido e familiar para os trabalhadores do que para as elites e autoridades, tornou-se também o lugar onde a vida revolucionária se desenvolveu. A forma de sinalização da presença dos trabalhadores no espaço urbanos, além dos cenetistas passeando pela Rambla em seus macacões azuis das milícias, eram as bandeiras vermelhas e negras colocadas nos edifícios e nos veículos apropriados com as inscrições CNT-FAI. Quanto ao aspecto distributivo, o número de empresas coletivizadas chegou a 300, em algumas delas os donos haviam sido assassinados em outras haviam fugido da cidade ou do país. Para integrar o espaço de trabalho da convivência, os anarquistas criaram creches, bibliotecas nas fábricas, programas educativos de cultura e línguas estrangeiras nas horas de descanso. Essas iniciativas foram enfraquecidas a partir de maio de 1937, quando a prioridade dos comunistas e republicanos de “vencer a guerra” derrotou a bandeira anarquista de fazer a revolução e ao mesmo tempo derrotar o fascismo.

Anarquismo barcelonês. Continuidade e descontinuidade.

A partir das entrevistas e das visitas aos ateneus e cooperativas, pode-se depreender que hoje em Barcelona existem muitas maneiras de ser anarquista. De volta do exílio, a ministra cenetista do governo da República, Federica Montseny, em entrevista ao programa televisivo La Clave, em junho de 1984, lembrou aos jovens entrevistadores que as bandeiras recentes e as liberdades que eles desfrutavam foram, no passado, bandeiras anarquistas. Se hoje a cidade convive com ateneus e formas de organização de ação direta, grupos de afinidades, uma malha associativa de inspiração libertária, suas raízes ficaram apagadas ou censuradas pela ditadura franquista e, segundo simpatizantes, sobretudo pela contrapropaganda comunista. Hoje, a maioria dos 59 ateneus se declara libertária. Pode-se supor uma linha de continuidade no tempo, que sobreviveu clandestina e silenciosa nos 38 anos de ditadura?

Na transição à democracia, em 1977, a CNT chegou a ter, só em Barcelona, cerca de 200 mil adeptos. O novo anarco-sindicalismo, além de ter um ingrediente de renovação

geracional, trazia uma nova forma de viver e pensar a tradição libertária. As “Jornadas Libertárias de 1977” que tiveram lugar no Parque Güell, assim como a revista “Ajoblanco”, são a expressão do choque de gerações e de visões diferentes da vida libertária na década de 1970. Muito mais individualistas do que seus antecessores do anarco-sindicalismo, as novas gerações dos membros da CNT praticavam o princípio da ortodoxia anarquista segundo o qual “no hay derechos, se ejercen” de uma maneira muito mais individualista e próxima aos padrões da juventude de maio de 1968 francês.

Pode-se dizer, segundo um ex-militante expulso em 1977, que “éramos mais libertários do que anarquistas”. Em entrevista ele assim se expressa:

No hay continuidad en el anarquismo. La CNT ha crecido en la transición porque estaba fuera de los partidos, las nuevas generaciones entendieron que los partidos tradicionales de izquierdas o los republicanos e nacionalistas estaban lejos de poner en jaque el orden jerárquico. (...) Hoy las conexiones libertarias están en los barrios y en los ateneus, son espacios de convivencia. El anarquismo es un lugar de encuentro, no hay un cuerpo central de la teoría, se puede ser anarquista de muchas maneras. Después del 15 M todo ha mudado. (Entrevista à autora no Ateneu Barcelonés, 18/04/2017)[8].

Para Taibo, teórico do anarquismo contemporâneo (2015), hoje o anarquismo na Espanha se apresenta basicamente com duas caras: uma sob a bandeira do “municipalismo libertário”, cuja matriz teórica se encontra em Murray Bookchin[9]; a outra sob a bandeira da “ação direta”, que se encontra em alguns ateneus, livrarias e ocupações em bairros barceloneses. Quanto ao “municipalismo libertário”, é a experiência do Partido dos Trabalhadores do Kurdistão/PKK a que tem entusiasmado e influenciado quase como moda a juventude libertária espanhola, configurando-se como a experiência mais emblemática das teses de Murray Bookchin, formulador da “ecologia social” adotada pelo PKK. Fundado no Kusdistão Norte, território dentro da Turquia, essa experiência tem

sensibilizado a juventude libertária tanto na Europa como no Brasil. Segundo compilação espanhola dos textos de Abdullah Öcalan, líder do PKK, suas ideias principais se expressam no “confederalismo democrático”, cujos eixos são o ecologismo e o feminismo.

Sobre o anarquismo barcelonês hoje, como já foi dito, pode ser vivido de várias maneiras e os ateneus podem ser entendidos como espaços de convivência. Se de um lado existem experiências de “ação direta” e “redes de afinidades” dos que hoje se autodeclaram anarquistas, de outro, ainda se fazem presentes militantes e associações que, não se declarando anarquistas, se inspiram nessa fonte e a praticam de modo a se reconhecerem como libertários. O caso das “Cooperativas do bairro de Sants” corresponde aos que se autointitulam anarquistas e alguns comunistas libertários. Apresentam as cooperativas como “um espaço de encontros e intercooperação de iniciativas socioeconômicas transformadoras, com cooperativas, entidades de economia social e solidária e projetos de autogestão comunitária” (SANTS COOPS, 2016). O projeto *Impuls Coop* reúne a bagagem do *Barri Cooperatiu*, projeto de promoção de cooperativismo impulsionado em Sants entre 2009 e 2013 pela *Federació de Cooperatives de Treball de Catalunya e La Ciutat Invisible*. Foram entrevistados tres dirigentes do projeto: Ivan Miró e Marc Dalmau, coordenadores da Livraria Ciutat Invisible e diretores do projeto, e Joan Costa, coordenador das oficinas coletivas de Can Batlló[10].

A entrevista com Ivan Miró foi realizada em 22/04/2016 na Livraria “Ciudad Invisible”, Barrio de Sants, em Barcelona. Segundo ele, sobre as Cooperativas de Can Batlló[11], são dois os aspectos a serem considerados. Em primeiro lugar:

[...] desde el punto de vista histórico el anarquismo fue muy fuerte en Cataluña, no teniendo un Estado fuerte, la sociedad se proyecta en el mercado. Cataluña es una colectividad nacional sin Estado. No hay latifundio, no hay un tejido agrario y tampoco hay terratenientes. La Cataluña es industrial, en el siglo XIX la idea que se tenía para Cataluña es de una República Federativa. Se puede decir que la matriz social de Cataluña es federalista y también la manera como la sociedad se

organiza es federalista. En Sants había un nuevo proletariado, era una sociedad de resistencia. En 1855, la asociación estaba prohibida, sin embargo en Sants, en la primera Huelga General, 1855, los trabajadores declararon: “Associació o mort”.

O entrevistado realça aspectos que considera importantes para se entender o desenvolvimento da luta dos trabalhadores. Recorda que em 1918, período de crescimento da CNT, “tiene lugar el ‘Congreso de Sants’, cuando se crean los “sindicatos cívicos”. Após a greve da Canadence – a Companhia Light and Power, do Canadá – aparece o “pistolero”, milicias privadas do patronato, e em 1931 a CNT é considerada insurreccional e não sindical. Os “pistoleros” passam então a matar os líderes cenetistas.

Buscando responder à pergunta formulada por ele mesmo, qual seja, “De cual manera se hace la cadena de transmisión?”, relembra que na Segunda República o anarco-sindicalismo, com CNT e FAI, era muito forte, tanto política quanto militarmente, tendo sido elas que, em 1936, através dos “Hombres de Acción”, derrotaram o golpe militar na cidade. Com suporte nessa força são feitas 80% das coletivizações em Barcelona no governo da República. Na composição do governo catalão são três os grupos: “*Grupos de Defensa* (organizan los comités), *Comité Militar* y el *Comité Anti-fascista* (a cargo de CNT), en estos últimos los más importantes son los *Comités de Colectivizaciones* en los barrios”. A criação do PSUC, comunista, em julho de 1936, segundo o entrevistado é uma reação da pequena burguesia catalã à força da CNT.

Diante da questão: “O que é o anarquismo hoje”? Ivan Miró explica: “Se puede decir que el anarquismo es una expresión teórica de una organización social horizontal, no jerárquica y cooperativa”. Hoje são dois os elementos anarquistas históricos: primeiro aqueles grupos que se autointitulam anarquistas e que se encontram nos ateneus e na FAI; e, segundo, os movimentos de cultura libertária e os cooperativistas. Sobre o caminho que essas forças têm tomando em Barcelona, Miró afirma:

En 1990, hubo una implosión de grupos de izquierdas. Nascen no por ideologías, grandes ideas, sino por prácticas. La CNT

ahora es una caricatura, es moralista y choca con las formas libertarias. En BCN la idea de territorio es importante, recuperó el movimiento de barrio. Los Okupa emezan en los 90, una representación simbólica, copian ideas interesantes de cada tradición teórica.

Ele esclarece que a democracia veio junto com a crise econômica e a precarização do trabalho, nessa nova realidade os sindicatos perderam força e passaram a não representar os interesses dos trabalhadores. Como exemplo cita a negociação feita em 1994 pela CCOO com a patronal para que os jovens tivessem salários menores, isso é, os velhos sindicalistas promovendo a dualização do trabalho. Em 1992 a “*Pax Olímpica*” significou a destruição massiva dos movimentos sociais, e em 1994 as coisas mudam. De um lado aparece Chiapas e o Kusdistão, que são referências nacionais; de outro a “insumisión de consciencia” ao Exército leva os jovens à prisão – tudo isso faz com que as coisas mudem. Conclui: “Bajo en nombre de anarquistas, la “Idea”, no hay más. Ahora sólo hay el trabajo con anarquistas, la “Idea” es otra”.

A história da ocupação do espaço onde se encontra o complexo de cooperativas do bairro de Sants de Can Bartlló foi narrada, em entrevista, por Joan Costa, diretor das oficinas, ativista de primeira hora e testemunha de sua ocupação e construção[12]. O bairro de Sants, fora da muralha, pertence à fase da grande industrialização da cidade, especialmente a indústria têxtil, também pertence à fase de lutas e resistência organizada desde o século XIX. Durante a Guerra Civil, a CNT socializou a fábrica de Can Batlló, uma das maiores fábricas de tecidos da cidade. Durante a ditadura o terreno foi negociado e ficou em mãos de um industrial, amigo de Franco. Na década de 1960 foi considerado como de função social. A ocupação do espaço se deu em julho de 2011, segundo as palavras do diretor das oficinas: “La ocupación fue festiva, a las doce horas las campanas de la Iglesia de San Medir empezaron a tocar. El primer equipamiento fue la Biblioteca, con los libros donados por los vecinos.”(Entrevista de Joan Costa à autora, julho de 2017)

As Cooperativas de Sants são uma experiência inédita hoje em Barcelona, onde as relações hierárquicas foram substituídas por redes horizontais, sendo criado o espaço dos “comuns”,

possibilitado, em grande medida, pelo passado federalista e assembleário barcelonês. Nas visitas a arquivos e museus se podem encontrar descendentes daqueles combatentes, procurando reconstruir a história dos ancestrais na tentativa de encontrar o fio perdido nos escombros da guerra cuja narrativa coube aos vencedores.

Notas

1. Agradeço as sugestões recebidas quando da apresentação da versão inicial deste texto na XVII Enanpur, São Paulo, maio 2017.
2. A categoria “libertária”, aqui, está sendo utilizada para incluir diferentes tipos de anarquismos, assim como certo tipo de cultura que neles têm sua origem. Ainda que em Barcelona ela tenha o sentido preciso de evocação de toda uma experiência histórica, o termo perdeu precisão a partir de sua utilização pela extrema direita norte-americana, os “liberais libertários” que proclamam a liberdade individual absoluta e o Estado mínimo.
3. “A finales de la década de 1920, muchos *barris* se asemejaban a pequeñas repúblicas: un orden urbano sociocultural y casi autónomo, organizado desde abajo sin rango o privilegio: espacios relativamente libres, prácticamente impenetrables por la policía, en los que la autoridad y poder del Estado era débil”. (Ealham, 2005, p. 79).
4. A regra geral de referência adotada no texto é de apresentar iniciais dos entrevistados, exceção para os que ocupam cargos em ateneus, fundações ou arquivos, bem como pesquisadores e estudiosos do tema, caso em que aparece o nome junto à declaração.
5. Koprofikine, ativista político russo e um dos fundadores do anarquismo.
6. Federación Anarquista Ibérica, fundada em Valencia, teve grande protagonismo durante a Guerra Civil.
7. “La identidad proletaria de los barrios alimentó un profundo sentimiento de “nosotros”, a la vez que definía una serie de enemigos sociales y políticos como “intrusos”. Esta rica cultura de la clase obrera y los residuos anteriores de la memoria social fueron destilados y politizados por el discurso de la CNT, que identificaba a los enemigos como un “otro” inmoral y parásito que vivía del sudor del trabajo de los obreros y que debían “limpiarse” por el “bien de la salud pública”, dicho de otro modo, por el bien de la comunidad.” (Ealham, 2010, p.159).
8. O “Movimiento 15M”, também conhecido como movimento dos “Indignados”, nasceu espontaneamente no dia 15 de maio de 2011 em Madrid e dois dias depois em Barcelona, como uma onda de protestos pacíficos que aglutinou multidões de jovens nas mais importantes praças públicas das cidades da Espanha. Tinha uma pauta ampla de reivindicações, basicamente críticos do bipartidarismo que alterna o poder na Espanha, financiamento de eleições, a favor da democracia participativa, contra a corrupção e as expulsões de moradores com hipotecas vencidas, os “desahucios”. Como alternativa aos partidos convencionais formaram novos partidos, sendo “Unidos Podemos” a versão catalã mais significativa. Contra os “desahucios” também se formaram em Barcelona outros partidos, cuja coligação elegeu como

prefeita da cidade em 2015, Ada Colau, ex-líder do movimento Okupa e ex-aluna da Escola Moderna de Ferrer i Guardia.

9. Bookchin, é o formulador da “ecologia social”. Ex-militante comunista americano, crítico da URSS desde os anos de 1930, é conhecido por levar à esquerda a preocupação com a ecologia como condição para uma sociedade libertadora. Suas ideias têm como fonte a releitura libertária de alguns aspectos do marxismo fusionado com aspectos dos teóricos anarquistas, de onde recorreu a conteúdos do comunalismo, do antiestatismo e confederalismo. Diferentemente da ortodoxia anarquista, não rechaça as instituições, ao contrário, entende que elas, sendo adequadas, fazem com que os cidadãos possam se auto-realizarem. Supõe a necessidade da extinção do Estado-nação e o reforço das instituições locais e municipais em um amplo espectro que ultrapasse as fronteiras daqueles e se organize em forma de confederação. As formulações mais recentes encontram-se no livro de Janet Biel (2015).

10. As unidades de autogestão distribuídas no bairro são 44 em funcionamento, divididas em atividades de “Tallers i mobilitat” (seis), “Habitar” (três), “Finances” (três) “Alimentació” (dez), “Educació” (cinco), “Comunicació i TIC” (seis), “Cultura i restauració” (cinco) “Espais socials” (seis).

11. “Can Batlló” é o terreno de 8 hectares ocupado e pelos cooperativistas que manteve o mesmo nome da antiga fábrica de tecidos da família Batlló, no bairro de Sants.

12. O relato da ocupação se encontra em Souki, 2018.

Referências

- BIEHL, Janet. *Municipalismo libertario. Las políticas de la ecología social*. Barcelona, Vírus Editorial, 2015.
- CABANYES, Oriol. P. Sentido de Estado. *Lavanguardia*. 23\05\2016. Barcelona. Disponível em: [http://makemefeed.com.es/.../sentido de estado de Oriol Pi de Canbanyes en la Vanguardia.- 2361438- html](http://makemefeed.com.es/.../sentido-de-estado-de-Oriol-Pi-de-Canbanyes-en-la-Vanguardia.-2361438-html) , 2016.
- DALMAU, M.; MIRÓ, I. *Les Cooperatives Obreres de Sants. Autogestió proletària en un barri de Barcelona (1870-1939)*. Barcelona, La Ciutat Invisible Edicions, 2010.
- ANUARIO ESTADISTICO DE CIDADE DE BARCELONA. Department D'Estadística Ajuntament de Barcelona. (2016). Disponível em: www.bcn.cat/estadistica. Acesso em: 21 ago. 2016.
- DÍAZ, Víctor Perez. *El retorno de la sociedad civil*. Madrid, Tablero, 1978.
- DIEZ, Xavier. *L'Anarquisme, fet diferencial català*. Influència i llegat de l'anarquisme en la història i la societat catalana contemporània. Barcelona, Virus Editorial, 2013.
- EALHAM, Chris. *La lucha por Barcelona. Clase, cultura y conflicto. 1898-1937*. Madrid: Alianza Ensayo, 2015.
- EALHAM, C.; RICHARDS, M. (eds). *España Fragmentada*. Historia cultural y Guerra Civil española, 1936-1939. "Comares Historia, Granada, 2010.
- ENGELS, Friedrich. "Los Bakunistas en Acción". *Marxists Internet Archive*. Disponível em: www.marxists.org/archive, 2000 . Acesso em: 02 nov. 2016.
- ESPAI DE LLIBERTAT. *Revista d'esquerres per a la formació, la reflexió i l'agitació política*, Barcelona, n. 54, abr-jun, 2019.
- GARCIA, Josep. *Una introducció al pensament anarquista*. Ponència apresentada a l'Escola de Formació Política de Cal Temerari. Catalunya, Barcelona, n. 185, P.3-5, set. 2016.
- MARTÍNEZ, Guillem. *Barcelona rebelde. Guia històrica de una ciudad*. Barcelona, Debate, 2009.
- ÖCALAN, Abdullah. *Confederalismo democrático*. Publicación Colectivo Rojava Azadi, Madrid, 2016.

SANTS COOPS. *Economia social i solidària - Autogestió comunitària*. Disponível em: www.sants.coop. Acesso em 20 abr. 2016.

SOUKI, Léa. "A persistência da cultura libertária em Barcelona". *Projeto História*. PUC SP, São Paulo, 2018.

TAIBO, Carlos. *Repensar la anarquía. Acción directa, autogestión, autonomía*. Ed. Catarata, Madrid, 2015.

***Léa Guimarães Souki**, mestre em Ciência Política pela UFMG, doutora em Sociologia Política pela UnB, pós-doutorado na Universitat Autònoma de Barcelona. Professora Titular da PUC MG, responsável pela disciplina Teoria Política no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC MG. Pesquisadora do Observatório de Metrôpolis, UFRJ/INCT. leasouki@pucminas.br.